



Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

VINICIUS DE MORAES

Forma e Exegese

"Je ne vois clair qu'au contact de la vie"

J. Rivière

Para o aniversário Novo,

uma grande abraço do

1935
IRMÃOS PONGETTI
Rio

Vinicius

Nov. 1937.

DO AUTOR

O CAMINHO PARA A DISTANCIA — (Schmidt ed.,
1933).

a aparecer:

ARIANA, A MULHER — poesia.

em preparo:

O CONHECIMENTO DO AMOR — romance.

A FACE DO ANJO — poesia.

A Jean-Arthur Rimbaud

e

Jacques Rivière

em Deus

— o meu imenso reconhecimento

I

*"Souffrir passe, avoir souffert
ne passe jamais."*

LEON BLOY

O OLHAR PARA TRAZ

Talvez da carne do homem prostrado se visse sair uma
sombra igual á minha
Que amasse as andorinhas, os seios virgens, os perfumes e
os lirios da terra
Talvez... mas todas as visões estariam tambem nas minhas
lagrimas boiando
E elas seriam como oleo santo e como petalas se derramando sobre o nada.

Alguem gritaria longe — “Quantas rosas nos deu a primavera!.. ”
Eu olharia vagamente o jardim cheio de sol e de cores
noivas se enlaçando
Talvez mesmo meu olhar seguisse da flor o vôo rapido
de um passaro
Mas sob meus dedos vivos estaria a sua boca fria e os
seus cabelos luminosos.

Rumores chegariam a mim distintos como passos na madrugada
Uma voz cantou, foi a irmã, foi a irmã vestida de branco!
— a sua voz é fresca como o orvalho..
Beijam-me a face — irmã vestida de azul, porque estás triste?
Deu-te a vida a velar um passado tambem?

E quando chega, a horas mortas, deixa em meu ser uma
braçada de lembranças
Que eu desfoiho saudoso sobre o corpo embalsamado do
eterno ausente.

Nem surgisse em minhas mãos a rosea ferida
Nem porejasse em minha pele o sangue da agonia...
Eu diria — Senhor, porque me escolheste a mim que sou
escravo
Porque me chagaste a mim cheio de chagas?

Nem do meu vasio te creasses, anjo que eu sonhei de
brancos seios
De branco ventre e de brancas pernas acordadas
Nem vibrasses no espaço em que eu te moldei perfeita...
Eu te diria — Porque vieste te dar ao já vendido?

O' extranho humus deste ser inerte e que eu sinto latente
Escorre sobre mim como o luar nas fontes pobres
Embriaga o meu peito do teu bafo que é como sandalo
Enche o meu espirito do teu sangue que é a propria vida!

Fóra, um riso de criança — longinqua infancia da hostia
consagrada
Aqui estou ardendo a minha eternidade junto ao teu corpo
fragil!

Eu sei que a morte abrirá no meu deserto fontes ma-
ravilhosas
E vozes que eu não sabia em mim lutarão contra a Voz.

Agora porem eu estou vivendo da tua chama como a cêra
O infinito nada poderá contra mim porque de mim quer tudo
Ele ama no teu sereno cadaver o terrivel cadaver que
eu seria
O belo cadaver nú cheio de cicatrizes e de ulceras.

Quem chamou por mim, tu, mãe? Teu filho sonha.
Lembras-te, mãe, a juventude, a grande praia enluarada...
Pensaste em mim, mãe? O' tudo é tão triste
A casa, o jardim, o teu olhar, o meu olhar, o olhar de Deus...

E sob a minha mão eu tenho a impressão da boca fria
murmurando
Sinto-me cego e olho o ceu e leio nos dedos a magica
lembrança
Passastes, estrelas. Voltais de novo arrastando brancos
veus
Passastes, luas. Voltais de novo arrastando negros veus...

S U R S U M

**Eu avanço no espaço as mãos crispadas, essas mãos juntas
— lembras-te? — que o destino das coisas separou
E sinto vir se desenrolando no ar o grande manto luminoso
onde os anjos entoam madrugadas . . .
A nevoa é como o incenso que desce e se desmancha em
brancas visões que vão subindo.
— Vão subindo as colunas do ceu . . . (cisnes em multidão!)
Como os olhares serenos estão longe! . . .
O' vitrais iluminados que vindes crescendo nas brumas da
aurora, o sangue escorre do coração dos vossos
santos
O' Mãe das Sete Espadas!. Os anjos passeiam com pés de
lã sobre as teclas dos velhos harmonios**

O' extensão escura de fieis! Cabeças que vos curvais ao peso
tão leve da gaze eucarística
Ouvís? Ha sobre nós um brando tatarar de azas enormes
O sopro de uma presença invade a grande floresta de mar-
more em ascensão.
Sentís? Ha um olhar de luz passando em meus cabelos,
agnus dei. . .
O' repousar a face, dormir a carne misteriosa dentro do
perfume do incenso em ondas!

No branco lagedo os passos caminham, os anjos farfalham
as vestes de seda
Homens, derramai-vos como a semente pelo chão! o triste
é o que não pode ter o amor.
Do orgão como uma colmeia os sons são abelhas eternas
fugindo, zumbindo, parando no ar
Homens, cresci da terra como as sementes e cantai velhas
canções lembradas. . .
Vejo chegar a procissão de arcanjos — seus olhos fixam a
cruz da consagração que se iluminou no espaço
Cantam seus olhos azues, tantum ergo! — de suas cabeleiras
louras brota o incendio impalpavel da destinação
Queimam . . . alongam em extasis os corpos de cêra e crepi-
tando serenamente a cabeça em chamas
Voam — Sobre o misterio voam os cirios alados cruzando
o ar num fremito de fogo! .

O', foi outrora, quando nascia o sol — Tudo volta, eu dizia
— e olhava o ceu onde eu não via Deus suspenso
sobre o cáos como o impossível equilibrio
Balançando o imenso turibulo do tempo sobre a inexistencia
da humana serenidade.

ILHA DO GOVERNADOR

**Este ruído dentro do mar invisível são barcos passando
Este "ei-ou" que ficou nos meus ouvidos são dos pescadores
esquecidos
Eles veem remando sob o peso de grandes maguas
Veem de longe e murmurando desaparecem no escuro quieto.
De onde chega essa voz que canta a juventude calma
De onde sai esse som de piano antigo sonhando a "Berceuse"
Porque vieram as grandes carroças entornando cal no barro
molhado? . . .**

Os olhos de Susana eram doces mas Ely tinha seios bonitos

Eu sofria junto de Susana — ela era a contemplação das
tardes longas
Ely era o beijo ardente sobre a areia humida . . .

Eu me admirava horas e horas no espelho .

Um dia eu mandei: “Susana, esquece-me, não sou digno de
ti — sempre teu. . .”

Depois, eu e Ely fomos andando — ela tremia no meu braço
Eu tremia no braço dela, os seios dela tremiam.
A noite tremia nos “ei-ou” dos pescadores . .

Meus amigos se chamavam Mario e Quincas e eram humildes
e desconheciam

Com eles aprendi a rachar lenha e ir buscar conchas sonoras
no mar fundo

Comigo eles aprenderam a conquistar as jovens praianas
timidas e risonhas .

Eu mostrava meus sonetos aos meus amigos — eles mos-
travam os grandes olhos abertos

E gratos, me traziam mangas maduras roubadas nos
caminhos.

Um dia eu li Alexandre Dumas e esqueci os meus amigos.

Depois, eu recebi um saco de mangas
Toda a afeição da ausencia..

Como não lembrar essas noites cheias de mar batendo
Como não lembrar Susana e Ely
Como esquecer os amigos pobres?.. .
Eles são essa memória que é sempre sofrimento
Veem na noite inquieta que agora me cobre
São o olhar de Clara e o beijo de Carmem
São os novos amigos, os que roubaram luz e me trouxeram.
Como esquecer isso que foi a primeira angustia
Si o murmúrio do mar está sempre nos meus ouvidos
Si o barco que eu não via é a vida passando
Si o "ei-ou" dos pescadores é o gemido de angustia de todas
as noites?.

O PRISIONEIRO

**Eu cerrei brandamente a janela sobre a noite quieta
E fiquei sosinho e parado, longe de tudo.**

**Nenhuma percepção — talvez uma leve sensação de frio no
vento**

**El uma vaga visão de objéto boiando no vacuo dos olhos.
Nenhum movimento—distancias infinitas em todas as coisas
No lençol branco que era outrora o grande esquecimento
No poeta que ontem era o refugio e a lagrima
E no misericordioso olhar de luz que sempre fôra o supremo
apelo.**

**Nenhum caminho — nem a possibilidade de um gesto
desalentado**

Na angustia de não ferir o desespero do espaço imovel.

Passariam as horas e nas horas o auge de cada instante d
sofrimento

Passariam as horas até a hora de voltar para o amor da
almas

E seguir com elas até a próxima noite.

Nenhum movimento — é preciso não despertar o sono do
que velam em espirito

E' preciso esquecer que ha poesia e ser colhida nas longa
estradas.

Nenhum pensamento — a imobilidade será o horror de toda
as noites

E' preciso ser feliz na imobilidade.

O BOM LADRÃO

São horas, inclina o teu doloroso rosto sobre a visão da velha
paisagem quieta
Passeia o teu mais fundo olhar sobre os brancos horizontes
onde ha imagens perdidas
Afaga num derradeiro gesto os cabelos de tuas irmãs cho-
rando

Beija uma vez mais a fronte materna.

São horas! grava na ultima lagrima toda a desolação vivida
Liberta das caves escuras, ó grande bandido, a tua alma,
tragicã esposa

E vai — é longe, é muito longe! — talvez toda uma vida,
talvez nunca...

Foi outrora... Dizem que primeiro ele andou de mão em
mão e muito poucos o quizeram

E que por ele foi transformada a face da vida e que de
medo o enterraram

E que desde então ninguém se atreve a penetrar a terra
bendita.

E' a suprema aventura — vai! ele está lá... — é tão
maior que Monte-Cristo!

Está lá voltado paradamente para as estrelas claras

Aberto para a pouca fé dos teus olhos

Palpavel para a insaciedade dos teus dedos.

Está lá, o grande tesouro, num campo silencioso como os
teus passos

Sob uma lage bruta como a tua intelligencia

Numa cova negra como o teu destino humano

No entanto ele é luz e beleza e gloria

E si tu o tocares a manhã se fará em todos os abismos

Rompe a terra, com as mesmas mãos com que rompestes a
carne

Penetra a profundidade da morte, ó tu que jogas a cada
instante com a tua vida

E si ainda assim te cegar a duvida, toca-o, mergulha nele o
rosto sangrento

Porque ele é teu nesse momento, tu poderás leva-lo para
sempre

Poderás viver dele e só dele porque tu és ele na eternidade.

Porem será muito ouro para as tuas arcas..
Será, deixa que eu te diga, muito ouro para as tuas arcas..
Olha! a teus pés Jerusalem se exteude e dorme o sono dos
pecadores

Alem as terras se misturam como lesbicas esquecidas
Mais longe ainda, no teu país, as tuas desoladas te pranteliam
Volta. Traz o bastaute para a consolação dos teus aflitos
Tua alegria será maior porque ha ulcerados uos caminhos
Ha mulheres perdidas chorando nas portas
Ha judeus a espollar pelas tavernas
Volta.. Ha tanto ouro no campo sauto
Que tua avareza seria vã para conte-lo
Volta. Ensina á humanidade a roubar o arrependimento
Porque todo o arrependimento será pouco para a culpa de
ter roubado..

Porem tu serás o bom ladrão, tu estarás uas chagas do peito...

AUSENCIA

**Eu deixarei que morra em mim o desejo de amar os teus
olhos que são doces
Porque nada te poderei dar sinão a magua de me veres
eternamente exausto.
No entanto a tua presença é qualquer coisa como a luz e a
vida
E eu sinto que em meu gesto existe o teu gesto e em minha
voz a tua voz.
Não te quero ter porque em meu ser tudo estaria terminado
Quero só que surjas em mim como a fé nos desesperados
Para que eu possa levar uma gota de orvalho nesta terra
amaldiçoada
Que ficou sobre a minha carne como uma nodoa do passado.**

Eu deixarei... tu irás e encostarás a tua face em outra face
Teus dedos enlaçarão outros dedos e tu desabrocharás para
a madrugada
Mas tu não saberás que quem te colheu fui eu porque eu fui
o grande intimo da noite
Porque eu encostei minha face na face da noite e ouvi a
tua fala amorosa
Porque meus dedos enlaçaram os dedos da nevoa suspensos
no espaço
E eu trouxe até mim a misteriosa essencia do teu abandono
desordenado.
Eu ficarei só como os veleiros nos portos silenciosos
Mas eu te possuirei mais que ninguém porque poderei partir
E todas as lamentações do mar, do vento, do ceu, das aves,
das estrelas
Serão a tua voz presente, a tua voz ausente, a tua voz
serenizada.

II

"Deus existe, eu é que não existo."

(de uma carta de Mario Vieira de Mello)

"— Le Ciel est mort. — Vers toi, j'accours! donne, ô matière"

MALLARMÉ

O I N C R E A D O

Nada ha a fazer pois que estão brotando crianças tragicas
como cactus
Da semente má que a carne enlouquecida deixou nas matas
silenciosas.

Nem placidas visões restam aos olhos — só o passado surge
si a dor surge
E o passado é como o ultimo morto que é preciso esquecer
para ter vida
Todas as meia-noites sôam e o leito está deserto do corpo
extendido
Nas ruas noturnas a alma passeia, desolada e só em busca
de Deus.

Eu sou como o velho barco que guarda no seu bojo o eterno
ruído do mar batendo
No entanto como está longe o mar e como é dura a terra sob
mim . . .
Felizes são os passaros que chegam mais cedo que eu á
suprema fraqueza
E que, voando, caem pequenos e abençoados nos parques
onde a primavera é eterna.

Na memoria cruel vinte anos seguem a vinte anos na unica
paisagem humana

Longe do homem os desertos continuam impassíveis diante
da morte
Os trigais caminham para o lavrador e o suor para a terra
E dos velhos frutos caídos surgem arvores extranhamente
calmas.

Ai, muito andei e em vão... rios enganosos conduziram
meu corpo a todas as idades
Na terra primeira ninguém conhecia o Senhor das bemaven-
turanças.
Quando meu corpo precisou repousar eu repousei, quando
minha boca ficou sedenta eu bebi
Quando meu ser pediu a carne eu dei-lhe a carne mas eu
me senti mendigo.

Longe está o espaço onde existem os grandes vãos e onde a
musica vibra solta
A cidade deserta é o espaço onde o poeta sonha os grandes
vãos solitários
Mas quando o desespero vem e o poeta se sente morto
para a noite
As entranhas das mulheres afogam o poeta e o entregam
dormindo á madrugada.

Eu sou o Increado de Deus, o que não teve a sua alma e
semelhança
Eu sou o que surgiu da terra e a quem não coube outra dor
sinão a terra
Eu sou a carne louca que freme ante a adolescencia impubere
e explode sobre a imagem creada
Eu sou o demonio do bem e o destinado do mal mas eu nada
sou.

De nada vale ao homem a pura compreensão de todas as
coisas
Si ele tem algemas que o impedem de levantar os braços
para o alto
De nada vale ao homem os bons sentimentos si ele descança
nos sentimentos maus
No teu purissimo regaço eu nunca estarei, Senhora. . .

Choram as arvores na espantosa noite, curvadas sobre mim,
me olhando
Eu caminhando . . . sobre o meu corpo as arvores passando
Quem morreu si estou vivo, porque choram as arvores? .
Dentro em mim tudo está imovel mas eu estou vivo, eu sei
que estou vivo porque soffro.

Si alguém não devia sofrer eu não devia mas eu sofro e é
tudo o mesmo
Eu tenho o desvelo e a benção, mas eu sofro como um
desesperado e nada posso
Eu sofro a pureza perdida, sofro o amor pequenino dos
olhos e das mãos
Sofro porque a nausea dos seios gastos está amargurando a
minha boca.

Não quero a esposa que eu violaria nem o filho que ergueria
a mão sobre o meu rosto
Nada quero porque eu deixo traços de lágrimas por onde
passo
Eu apenas quizera que todos me desprezassem pela minha
fraqueza
Mas, pelo amor de Deus, não me deixai nunca sosinho!

A's vezes por um segundo a alma acorda para um grande
extasis sereno
Num sopro de suspensão a beleza passa e beija a fronte do
homem parado
E então o poeta surge e do seu peito se ouve uma voz mara-
vilhosa
Que palpita no ar fremente e envolve todos os gritos num
só grito.

Mas depois quando o poeta foge e o homem volta como de
um sonho
E sente sobre a sua boca um riso que ele desconhece
A colera penetra no seu coração e ele renega a poesia
Que veio trazer de volta o principio de todo o caminho
percorrido.

Todos os momentos estão passando e todos os momentos
estão sendo vividos
A essencia das rosas invade o peito do homem e ele se apa-
zigúa no perfume
Mas si um pinheiro ulva no vento o coração do homem se
cerra de inquietude
No entanto ele dormirá ao lado dos pinheiros ulvando e das
rosas rescendendo.

Eu sou o Increado de Deus, o que não póde fugir á carne e
á memoria
Eu sou como o velho barco longe do mar, cheio de lamen-
ções no vasio do bojo
No meu ser todas as agitações se anulam — nada permanece
para a vida
Só eu permaneço parado dentro do tempo passando, pas-
sando, passando...

A VOLTA DA MULHER MORENA

Meus amigos, meus irmãos, cegai os olhos da mulher morena
Que os olhos da mulher morena estão me envolvendo
E estão me despertando de noite.

Meus amigos, meus irmãos, cortai os lábios da mulher
morena

Eles são maduros e húmidos e inquietos
E sabem tirar a volúpia de todos os frios.

Meus amigos, meus irmãos, e vós que amais a poesia da
minha alma

Cortai os peitos da mulher morena

Que os peitos da mulher morena sufocam o meu sono
E trazem cores tristes para os meus olhos.

Jovem camponeza que me namoras quando eu passo nas
tardes

Traz-me para o contáto casto das tuas vestes
Salva-me dos braços da mulher morena
Eles são lassos, ficam estendidos imóveis ao longo de mim
São como raízes rescendendo resina fresca
São como dois siléncios que me paralizam.
Aventureira do Rio da Vida, compra o meu corpo da mulher
morena
Livra-me do seu ventre como a campina matinal
Livra-me do seu dorso como a água escorrendo fria.
Branca avósinha dos caminhos, reza para ir-se embora a
mulher morena
Reza para murcharem as pernas da mulher morena
Reza para a velhice roer dentro da mulher morena
Que a mulher morena está encurvando os meus ombros
E está trazendo tosse má para o meu peito.
Meus amigos, meus irmãos, e vós todos que guardais ainda
meus últimos cantos
Dai morte cruel á mulher morena!

A Q U E D A

Tu te abaterás sobre mim querendo domar-me mas eu te
resistirei
Porque a minha natureza é mais poderosa do que a tua.
Ao meu abraço procurarás condensar-te em força — eu te
olharei apenas
Mansamente alisarei teu dorso frio e ao meu desejo has de
moldar-te
E ao sol te abrirás toda para as nupcias sagradas.
Has de ser mulher para o homem
E em grandes brados espalharás amor ao ceu azul e ao ouro
das matas.
Eu ficarei de braços erguidos para os teus selos de pedra
E escorrerá como um arrepio pelo teu corpo liquido um
beijo para os meus olhos

**Na poeira de luz que se levantará como incenso em ondas
Descerás teus cabelos cheios para ungir-me os pés.**

**No instante as libelulas voarão paradas e o canto dos passa-
ros vibrará suspenso
E todas as arvores tomarão forma de corpos em aleluia.**

**Depois eu partirei como um animal de beleza, pelas mon-
tanhas
E teu pranto de saudade estará nos meus ouvidos em todas
as caminhadas.**

O CADAFALSO

**Eu caí de joelhos diante do amor transtornado do teu rosto
Estavas alta e imóvel — mas teus seios vieram sobre mim
e me feriram os olhos
E trouxeram sangue ao ar onde a tempestade agonizava.
Subitamente cresci e me multipliquei ao peso de tanta carne
Cresci sentindo que a pureza escorria de mim como a chuva
dos galhos
E me deixava parado, vazio para a contemplação da tua face.
Longe do misterio do teu amor, curvado, eu fiquei ante as
tuas partes intocadas
Cheio de desejo e inquietação, com uma enorme vontade de
chorar no teu vestido
Para desvendar as tuas formas nas minhas lagrimas.**

Agoniado abracei-te e ocultei o meu sopro quente no teu
ventre
E logo te senti como um cepo e em torno a mim eram mon-
ges brancos em officio de mortos
E tambem — quem chorou? — vozes como lamentações se
repetindo.
No horror da treva cravou-se em meus olhos uma extranha
mascara de dois gumes
E sobre o meu peito e sobre os meus braços tenazes de fogo
e sob os meus pés piras ardendo.
O' tudo era martirio dentro daquelas vozes soluçando
Tudo era dor e escura angustia dentro da noite despertada!
“Me salvem, gritei — me salvem que não sou eu!” — e as
ladainhas repetiam — me salvem que não sou eu!
E veio então uma mulher como uma visão sangrenta de re-
volta
Que com mão de gigante colheu o que de sexo havia em mim
e o espremeu amargamente
E que separou a minha cabeça violentamente do meu corpo

Nesse momento eu tive de partir e todos fugiam aterrados
Porque misteriosamente meu corpo transportava minha
cabeça para o inferno...

A MULHER NA NOITE

Eu fiquei imóvel e no escuro tu vieste.
A chuva batia nas vidraças e escorria nas calhas — vinhas
andando e eu não te via
Contudo a volúpia entrou em mim e ulcerou a treva nos
meus olhos.
Eu estava imóvel — tu caminhavas para mim como um
pinheiro erguido
E de repente, não sei, eu me vi acorrentado no descampado
no meio de insetos
E as formigas me passeavam pelo corpo húmido.
Do teu corpo balouçante saíam cobras que se eriçavam sobre
o meu peito
E muito ao longe me parecia ouvir uivos de lobas.

Então a aragem começou a descer e me arrepiou os nervos
E os insetos se ocultavam nos meus ouvidos e zunzonavam
sobre os meus lábios.

Eu queria me levantar porque grandes rezes me lambiam o
rosto

E cabras cheirando forte urinavam sobre as minhas pernas
Uma angustia de morte começou a se apossar do meu ser
As formigas iam e vinham, os insetos procreavam e zumbiam
do meu desespero

E eu comecei a sufocar sob a rez que me lambia.
Nesse momento as cobras apertaram o meu pescoço
E a chuva despejou sobre mim torrentes amargas.

Eu me levantei e comecei a chegar, me parecia vir de longe
E não havia mais vida na minha frente.

A G O N I A

No teu grande corpo branco depois eu fiquei.
Tinhas os olhos lívidos e eu tive medo.
Já não havia sombra em ti — eras como um grande deserto
de areia
Onde eu houvesse tombado após uma longa caminhada sem
noites.
Na minha angustia eu buscava a paisagem calma
Que me havias dado tanto tempo
Mas tudo era esteril e monstruoso e sem vida
E teus seios eram dunas desfeltas pelo vendaval que pas-
sára.

**Eu estremeceia agonizando e procurava me erguer
Mas teu ventre era como a areia movediça para os meus
dedos.
Eu procurei ficar imóvel e orar mas eu fui me afogando em
ti mesmo
Desaparecendo no teu ser disperso que se contraía como a
voragem**

Depois foi o sono, o escuro, a morte.

**Quando eu despertei era claro e eu tinha brotado novamente
Vinha cheio do pavor das tuas entranhas.**

III

“Todo o efemero não é sinão simbolo.”

GOETHE

“ ... j'ai vu quelquefois ce que l'homme a cru voir.”

RIMBAUD

A LEGIÃO DOS URLAS

**Quando a meia-noite surge nas estradas vertiginosas das
montanhas
Uns após outros, beirando os grotões enluarados sobre ca-
valos lívidos
Passam olhos brilhantes de rostos invisíveis na noite
Que fixam o vento gelado sem estremecimento.**

**São os prisioneiros da Lua. A's vezes, si a tempestade
Apaga no ceu a languidez imóvel da grande princesa
Dizem os camponeses ouvir os nivos tetricos e distantes
Dos Cavaleiros Urias que pingam sangue das partes amal-
diçoadas.**

São os escravos da Lua. Vieram também de ventres brancos
e puros
Tiveram também olhos azues e cachos louros sobre a fronte...
Mas um dia a grande princesa os fez enlouquecidos, e eles
foram escurecendo
Em muitos ventres que eram também brancos mas que eram
impuros.

E desde então nas noites claras eles aparecem
Sobre cavalos lividos que conhecem todos os caminhos
E vão pelas fazendas arrancando o sexo das meninas e das
mães sozinhas
E das eguas e das vacas que dormem afastadas dos machos
fortes.

Aos olhos das velhas paráliticas murchadas que esperam a
morte noturna
Eles descobrem solenemente as netas e as filhas deliques-
centes
E com garras fortes arrancam do último pano os nervos fla-
cidos e abertos
Que em suas unhas agudas vivem ainda longas palpitações
de sangue.

Depois amontoam a presa sangrenta sob a luz palida da
deusa
E acendem fogueiras brancas de onde se erguem chamas
desconhecidas e fumos
Que vão ferir as narinas tremulas dos adolescentes ador-
mecidos
Que acordam inquietos nas cidades sentindo nauseas e con-
vulsões mornas.

E então, após colherem as vibrações de leitos fremindo dis-
tantes
E os rinchos de animaes seminando no solo endurecido
Eles erguem cantos á grande princesa crispada no alto
E voltam silenciosos para as regiões selvagens onde vagam.

Volta a Legião dos Urias pelos caminhos enluarados
Uns após outros, sómente os olhos, negros sobre cavalos
lividos
Deles fogem o abutre que conhece todas as carniças
E a hiena que já provou de todos os cadaveres.

São eles que deixam dentro do espaço emocionado
O extranho fluido todo feito de placidas lembranças
Que traz ás donzelas imagens suaves de outras donzelas
E traz aos meninos figuras formosas de outros meninos.

São eles que fazem penetrar nos lares adormecidos
Onde o novilunio tomba como um olhar desatinado
O incenso perturbador das rubras visceras queimadas
Que traz á irmã o corpo mais forte da outra irmã.

São eles que abrem os olhos inexperientes e inquietos
Das crianças apenas lançadas no regaço do mundo
Para o sangue misterioso esquecido em panos amontoados
Onde ainda brilha o rubro olhar implacavel da grande
princesa.

Não ha anatema para a Legião dos Cavaleiros Urias
Passa o inevitavel onde passam os Cavaleiros Urias
Porque a fatalidade dos Cavaleiros Urias?
Porque, porque os Cavaleiros Urias? . . .

O' si a tempestade boiasse eternamente no ceu tragico
O' si fossem apagados todos os raios da louca esteril
O' si o sangue pingado do desespero dos Cavaleiros Urias
Afogasse toda a região amaldiçoada! . . .

Seria talvez belo — seria apenas o sofrimento do amor puro
Seria o pranto correndo dos olhos de todos os jovens

**Mas a Legião dos Urias está espiando a altura imóvel
Fechai as portas, fechai as janelas, fechai-vos meninas!**

**Eles virão, uns após outros, os olhos brilhando no escuro
Fixando a lua gelada sem estremecimento.**

**Chegarão, os Urias, beirando os grotões enluzados sobre
cavalos lívidos**

**Quando a meia-noite surgir nas estradas vertiginosas das
montanhas.**

A ULTIMA PARABOLA

E atira-a sobre o colo de Jesus entre os pequeninos.
Eu vejo o olhar de piedade sobre a triste oferenda mas nesse
momento saem da cabeça chifres
que lhe ferem o rosto
E eis que é a cabeça de Satan cujo corpo são os pequeninos
E que ergue um braço apontando a Jesus uma luta de ca-
valos enfurecidos
Eu sigo o drama e vejo sairem de todos os lados mulheres
e homens
Que eram como faunos e sereias e outros que eram como
centauros
Se misturarem numa impossivel confusão de braços e de
pernas
E se unirem depois num grande gigante descomposto e ebrio
de garras abertas
O outro braço de Satan se ergue e sustem a queda de uma
criança
Que se despenhou do seio da mãe e que se fragmenta na sua
mão alçada
Eu olho apavorado a luxuria de todo o ceu cheio de corpos
enlaçados
E que vai desaparecer na noite mais proxima
Mas eis que Jesus abre os braços e se agiganta numa cruz
que se abaixa lentamente
E que absorve todos os seres immobilizados no frio da noite.

**Eu chorei e caminhei para a grande cruz pousada no ceu
Mas a escuridão veio e — ai de mim! — a primeira estrela
fecundou os meus olhos de poesia terrena!.**

A L B A

Alba, no canteiro dos lírios estão caídas as pétalas de uma
rosa côm de sangue
Que tristeza esta vida, minha amiga...
Lembras-te, quando vínhamos na tarde rôm e eles jaziam
puros
E houve um grande amor no nosso coração pela morte
distante?...
Ontem, Alba, eu sofri porque vi subitamente a nodoa rubra
entre a carne palida ferida
Eu vinha passando tãm calmo, Alba, tãm longe da angustia,
tãm suavizado
Quando a visão daquela flor gloriosa matando a serenidade
dos lírios entrou em mim

E eu senti correr em meu corpo palpitações desordenadas
de luxúria.
Eu sofri, minha amiga, porque aquela rosa me trouxe a
lembrança do teu sexo que eu não via
Sob a lívida pureza da tua pele aveludada e calma
Eu sofri porque de repente eu senti o vento e vi que estava
nú e ardente
E porque era teu corpo dormindo que existia diante de meus
olhos
Como poderias me perdoar, minha amiga, si soubesses que
eu me aproximei da flor como um perdido
E a tive desfolhada entre as minhas mãos nervosas e senti
escorrer de mim o semem da minha voluptua?
Ela está lá, Alba, sobre o canteiro dos lírios, desfeita e cor
de sangue
Que destino nas coisas, minha amiga!
Lembras-te, quando eram só os lírios, altos e puros?...
Hoje, eles continuam misteriosamente vivendo, altos e tre-
mulos
Mas a pureza fugiu dos lírios como o último suspiro dos
moribundos
Ficaram apenas as pétalas da rosa, vivas e rubras como a
tua lembrança
Ficou o vento que soprou nas minhas faces e a terra que
eu segurei nas minhas mãos.

UMA MULHER NO MEIO DO MAR

(sobre o desenho original de Almir Castro)

Na praia batida de vento a voz entrecortaça chama
Dentro da noite amarga a grande lua está contigo e está
com ela — pouosa o teu rosto sobre a areia!
A tua lagrima de homem ficará correndo sobre o teu corpo
dormindo e te levará boiando
E talvez a tua mão inerte encontre a sua mão chela de frio
Tudo está sosinho e o supremo abandono pousou sobre o
corpo nú da que deixaste ir
A onda solitaria é o berço do amor e ha uma musica eterna
nas formas invisiveis
Passa o teu braço sobre o que foi o triste destroço de um
outro mar bem mais revoltoso
E sentirás que nunca o pobre corpo foi mais flexuoso ao teu
afago nem o olhar mais aberto ao teu desejo.

O ESCRAVO

"J'ai plus de souvenirs que si j'avais mille ans."

BAUDELAIRE

-A grande Morte que cada uri traz em si."

RILKE

Quando a tarde veio o vento veio e eu segui levado como
uma folha
E aos poucos fui desaparecendo na vegetação alta de anti-
gos campos de batalha
Onde tudo era estranho e silencioso como um gemido.
Corri na sombra espessa longas horas e nada encontrava
Em torno a mim tudo era desespero de espadas estorcidas
se desvencilhando
Eu abria caminho sufocado mas a massa me confundia e se
apertava impedindo meus passos
E me prendia as mãos e me cegava os olhos apavorados.
Quiz lutar pela minha vida e procurei romper a extensão
em luta

Mas nesse momento tudo se virou contra mim e eu fui batido
Fui ficando nodoso e aspero e começou a escorrer resina do
meu suor
E as folhas se enrolavam no meu corpo para me embál-
samar.
Gritei, ergui os braços mas eu já era outra vida que não a
minha
E logo tudo foi hirto e magro em mim e longe uma extranha
litania me fascinava.
Houve uma grande esperança nos meus olhos sem luz
Quiz avançar sobre os tentáculos das raízes que eram meus
pés
Mas o vale desceu e eu rolei pelo chão, vendo o ceu, vendo
o chão, vendo o ceu, vendo o chão
Até que me perdi num grande país cheio de sombras altas
se movendo...

Aqui é o misterioso reino dos ciprestes, . . .

Aqui eu estou parado, preso á terra, escravo dos grandes
principes loucos.

Aqui eu vejo coisas que mente humana jamais viu

Aqui eu sofro frio que corpo humano jamais sentiu.

E' este o misterioso reino dos ciprestes

Que aprisionaram os cravos lividos e os lírios palidos dos
tumulos

E que, quietos, se reverenciam gravemente como uma côrte
de almas mortas.

Meu ser vê, meus olhos sentem, minha alma escuta
A conversa do meu destino nos gestos lentos dos gigantes
inconscientes

Cuja ira desfolha campos de rosas como um sopro tremulo...
Aqui estou eu pequenino como um musgo mas meu pavor
é grande e não conhece luz
E' um pavor que atravessa a distancia de toda a minha
vida.

E' este o feudo da morte implacavel...

Vêde — reis, principes, duques, cortezãos, carrascos do
grande país sem mulheres
São seus miseros servos a terra que me aprisionou nas suas
entranhas
O vento que a seu mando entorna da boca dos lirios o orva-
lho que réga o seu solo
A noite que os aproxima no baile macabro das reverencias
fantasticas
E os môchos que entoam lugubres cantos-chão ao tempo
inacabado...

E' aí que estou prisioneiro entre milhões de prisioneiros

Pequeno arbusto esgalhado que não dorme e que não vive
A' espera da minha vez que virá sem objéto e sém distancia.
E' aí que estou acorrentado por mim mesmo á terra que
sou eu mesmo

Pequeno ser imovel a quem foi dado o desespero
Vendo passar a imensa noite que traz o vento no seu seio
Vendo passar o vento que entorna o orvalho que a aurora
despeja na boca dos lirios

Vendo passar os lirios cujo destino é entornar o orvalho
na poeira da terra que o vento espalha

Vendo passar a poeira da terra que o vento espalha e cujo
destino é o meu, o meu destino

Pequeno arbusto parado, poeira da terra preso á poeira da
terra, pobre escravo dos principes loucos.

O OUTRO

A's vezes, na hora tremula em que os espaços desmancham-
se em neblina
E a gaze da noite se esgarça suspensa na bruma dormente
Eu sinto sobre o meu ser uma presença estranha que me
faz despertar angustiado
E me faz debruçar á janela sondando os veus que se emaranham dentro as folhas..
Fico... e muita vez os meus olhos se desprendem misteriosamente das minhas orbitas
E presos a mim vão penetrando a noite e eu vou me sentindo encher da visão que os leva.
Vozes e imagens chegam a mim, mas eu inda sou e por isso
não vejo

**Vozes enfermas chegam a mim — são como vozes de mães
e de irmãs chorando
Corpos nus de crianças, seios estrangulados, bocas oprimidas
na ultima angustia
Mulheres passando atonitas, espectros confusos, diluidos
como as visões lacrimosas.
E de repente eu sou arrancado como um grito e parto e
penetro em meus olhos
E estou sobre o ponto mais alto, sobre o abismo que desce
para a aurora que sóbe
Onde na hora extrema o rio humano se despeja vertiginosa-
mente e de onde surgirá
Livido e descarnado, quando o palido sangue do sol mor-
rendo escorrer da face verde das montanhas.**

**Mas por que extranho designio foi diferente a angustia da-
quela manhã tristissima
Porque não vieram até mim as lamentações de todas as
madrugadas
Porque quando eu caminhei para o sofrimento, foi o meu
sofrimento que eu vi extendido
sobre as coisas como a morte?
Ai de mim! A piedade ferira o meu coração e eu era o
mais desamparado
O consolo estava nas minhas palavras e eu era o unico
inconsolavel**

A riqueza estivera nas minhas mãos e eu era pobre como
os olhos dos cegos!...

Na solidão absoluta de mil leguas foi o meu corpo que eu
vi acorrentado ao pantano infinito

Foi a minha boca que eu vi se abrindo ao beijo da agua
ulcerada de flores leprosas!

Dormiam sapos sobre a podridão das vitorias moribundas
E vapores humidos subiam fetidos como as exalações dos
campo de guerra.

Eu estava só como o homem sem Deus no meio do tempo e
sobre a minha cabeça pairavam as aves
da maldição

E a vastidão desolada era grande demais para os meus po-
bres gritos de agonia.

De fóra eu vi e senti medo — como que um avido polvo me
prendia os pés ao fundo da lama

Eu gritei para o miseravel que erguesse os braços e buscasse
a musica que estava no pantano e na
pele desfeita das flores entume-
cidas

Mas ele já nada parecia ouvir — era como o mau ladrão
crucificado.

O', não estivesse ele tão longe de meus pés e eu o calcaria
como um verme

Não fosse minha nausea e eu o iria matar no seu martirio

Não existisse a minha incompreensão e eu lhe desfaria a
carne entre os meus dedos!
Porque a sua vida está presa á minha e é preciso que eu me
liberte
Porque ele é o desespero vão que mata a serenidade que
quer brotar em mim
Porque as suas ulceras dóem numa carne que não é a dele.
Mas algum dia quando ele estiver dormindo eu esquecerei
tudo e afrontarei o pantano.
Mesmo que pereça eu o esmagarei como uma vibora e o afo-
garei na lama podre
E si eu voltar eu sei que as visões passadas não mais po-
voarão os meus olhos distantes
Eu sei que terei forças para comer a terra e ficar escorrendo
em sangue como as arvores
Parado, diante da beleza, agazalhando os principes e os
monges, na contemplação da poesia eterna.

A MUSICA DAS ALMAS

*“Le mal est dans le monde comme un esclave qui monte
l’eau.”*

CLAUDEL

Na manhã infinita as nuvens surgiram como a loucura
numa alma
E o vento como o instinto desceu os braços das arvores que
estrangularam a terra.

E depois veio a claridade, os grandes ceus, a paz dos
campos.
Mas nos caminhos todos choravam com os rostos levados
para o alto
Porque a vida tinha misteriosamente passado na tormenta...

IV

*"Mais, vrai, j'ai trop pleuré. Les aubes sont navrantes
Toute lune est atroce et tout soleil amer."*

RIMBAUD

O BERGANTIM DA AURORA

Velho, conheces por acaso o bergantim da aurora
Nunca o viste passar quando a saudade noturna te leva
para o convez imovel dos rochedos?
Ha muito tempo ele me lançou sobre uma praia deserta,
velho lobo
E todas as albas teem visto meus olhos nos altos promon-
torios, esperando.

Sem ele que poderei fazer, pobre velho? ele existe porque
ha homens que fogem
Um dia, porque pensasse em Deus eu me vi limpo de todas
as feridas

E eu dormi — ai de mim! — não dormia ha tantas noites!
— dormi e eles me viram calmo
E me deram ás ondas que tiveram pena da minha triste
mocidade.

Mas que me vale, santo velho, ver o meu corpo são e a
minha alma doente
Que me vale vêr minha pele unida e meu peito alto para
o carinho?
Si eu voltar os olhos, tua filha talvez os ame que eles são
belos, velho lobo
Antes o bergantim fantasma onde as cordoalhas apodrecem
no sangue das mãos...

Nunca o conhecerás, ó alma de apostolo, o grande bergan-
tim da madrugada
Ele não corre os mesmos mares que o teu valente brigue
outrora viu
O mar que perdeste matava a fome de tua mulher e de
teus filhos
O mar que eu perdi era a fome mesma, velho, a eterna
fome...

Nunca o conhecerás. Ha em tuas grandes rugas a vaga do-
çura dos caminhos pobres

**Teus sofrimentos foram a curta ausencia, a lagrima dos
adeuses**
**Quando a distancia apagava a visão de duas mulheres para-
das sobre a ultima rocha**
**Já a visão espantosa dos gelos brilhava nos teus olhos — ó
as baleias brancas!.**

**Mas eu, velho, sofri a grande ausencia, o deserto de Deus
o meu deserto**
**Como esquecimento tive o gelo desagregado dos seios nús
e dos ventres boiando**
**Eu, velho lobo, sofri o abandono do amor, tive o exaspero
O' solidão, deusa dos vencidos, minha deusa...**

**Nunca o compreenderás. Nunca sentirás porque um dia
eu corri para o vento**
E desci pela areia e entrei pelo mar e nadei e nadei.
**Sonhára. . . : "Val. O bergantim é a morte longinqua, é o
eterno passeio do pensamento silencioso**
**E' o judeu dos mares cuja alma avara de dor castiga o
corpo errante..."**

**E fui. Si tu soubesses que a ansia de chegar é a maior
ansia**
Teus olhos, ó alma de crente, se fechariam como as nuvens

**Porque eu era a folha morta diante dos elementos loucos
Porque eu era o grão de pó na restea infinita.**

**Mas sofri de mais para não ter chegado
E um dia ele surgiu como um passaro atroz
Vi-lhe a negra carcassa a flor das ondas mansas
E o branco velame inchado onde nos mastareus pendiam
corpos nós.**

**Mas o homem que chega é o homem que mais sofre
A memoria é a mão de Deus que nos toca de leve e nos faz
sondar o caminho atraz
Ai! sofri por deixar tudo o que tinha tido
O lar, a mulher e a esperança de atingir Damas na minha
fuga...**

**Cheguei. Era afinal o vazio da perpetua prisão longe do
sofrimento
Era o trabalho forçado que esquece, era o corpo doendo nas
chagas abertas
Era a suprema magreza da pele contendo o esqueleto fan-
tastico
Era a suprema magreza do ser contendo o espirito fantastico.**

Fui. Por toda a parte homens como eu, sombras vãs
Homens arrastando vigas, outros velhos, velhos fakires in-
sensíveis
As fundas orbitas negras, a ossada encolhida, encorujada
Corpos secos, carne sem dor, morta de há muito.

Por toda a parte homens como eu, homens passando
Homens nús, murchos, esmagando o sexo ao peso das anco-
ras enormes
Bocas rígidas, sem água e sem rum, tumulos da língua
árida e estéril
Mãos sangrando como facas cravadas na carne das cordas.

Nunca poderás imaginar, ó coração de pai, o bergantim
da aurora
Que caminha errante ao ritmo funebre dos passos se arras-
tando
Nele vivi o grande esquecimento das galéras de escravos
Mas brilhavam de mais as estrelas no céu.

E um dia — era o sangue no meu peito — eu vi a grande
estrela
A grande estrela da alba cuja cabeleira aflora as águas

Ela pousou no meu sangue como a tarde nos montes apazi-
guados
E eu pensei que a estrela é o amor de Deus na imensa
altura.

E meus olhos dormiram no beijo da estrela fugitiva
Ai de mim! não dormia ha tantas noites! — dormi e eles
me viram calmo
E a serpente que eu nunca supuz viver no seio da miseria
Deu-me ás ondas que tiveram pena da minha triste mo-
cidade.

Eis porque estou aqui, velho lobo, esperando
O grande bergantim que eu sei não voltará
Mas tornar, pobre velho, é perder tua filha, é verter outro
sangue
Antes o bergantim fantasma, onde o espaço é pobre e a
caminhada eterna.

Eis porque, velho lobo, aqui estou esperando
A' luz da mesma estrela, nos altos promontorios
Aqui a morte me colherá docemente, esperando
O grande bergantim que eu sei não voltará.

A IMPOSSIVEL PARTIDA

Os rios mortos... as sombras mortas... as vozes mortas...
... o homem parado, envolto em branco sobre a areia
branca e a quietude na face.

Como poder rasgar, noite, o veu constelado do teu misterio
Si a minha têt é branca e si no meu coração não mais exist-
tem os nervos calmos

Que sustentavam os braços dos Incas horas inteiras no ex-
tasis da tua visão?...

Eu sonhei!... Sonhei mundos passando como passaros
Luzes voando ao vento como folhas

Nuvens como vagas afogando luas adolescentes..

Sons... o ultimo suspiro dos condenados vagando em busca
de vida...

O fremito lugubre dos corpos penados girando no espaço...

Imagens... a côr verde dos perfumes se desmanchando na
essencia das coisas...

As virgens das auroras dansando suspensas nas gazes da
bruma

Soprando de manso na boca vermelha dos astros...

Como poder abrir no teu seio, ó noite êrma, o portico sa-
grado do Grande Tempo

Si eu estou preso ao passado como a criança ao colo materno

E si é preciso adormecer na lembrança bôa antes que as
mãos desconhecidas me arrebatem?...

TRES RESPOSTAS EM FACE DE DEUS

*“ — Familles, je vous hais! foyers clos; portes refermées;
possessions jalouses du bonheur.”*

A. GIDE

“C'est l'ami ni ardent ni faible. L'ami.”

RIMBAUD

*“ ... Ô Femme, monceau d'entrailles, pitié douce
Tu n'est jamais la soeur de charité, jamais!”*

RIMBAUD

Sim, vós sois... (eu deveria ajoelhar dizendo os vossos
nomes!)

E sem vós quem se tombaria no presagio de alguma madru-
gada?

A' vossa mesa irei murchando para que o vosso vinho vá
bebendo

De minha poesia farei musica para que não mais vos firam
os seus acentos dolorosos

Livres as mãos e serei Tântalo — mas o suplicio da sêde
vós o vereis apenas nos meus olhos

Que adormeceram nas visões das auroras geladas onde o sol
de sangue não caminha.

E vós!. (O' o fervor de dizer os vossos nomes angustia-
tiados!)

Deixai correr o vosso sangue eterno sobre as minhas lagri-
mas de ouro!

Vós sois o espirito, a alma, a intelligencia das coisas creadas
E a vós eu não rirei — rir é atormentar a tragedia interior
que ama o silencio

Convosco e contra vós eu vagarei em todos os desertos
E a mesma aguia se alimentará das nossas entranhas tor-
mentosas.

E vós, serenos anjos... (eu deveria morrer dizendo os vos-
sos nomes!)

Vós cujos pequenos seios se iluminavam misteriosamente á
minha presença silenciosa!

Vossa lembrança é como a vida que não abandona o espirito
no sono

Vós fostes para mim o grande encontro . .

E vós tambem, ó arvores de desejo! Vós, a jetatura de Deus
enlouquecido

Vós sereis o demonio em todas as idades.

VARIAÇÕES SOBRE O TEMA DA ESSENCIA

(tres movimentos em busca da musica)

"C'est aussi simple qu'une phrase musicale."

RIMBAUD

E as idéas tinham misteriosamente retornado ás coisas e
boiavam como passaros fóra da
minha compreensão.

O grande seio veio do espaço, veio do espaço e ficou batendo
no ar como um corpo de pombo

Veio com o terror que me apertou a garganta para que o
mundo não pudesse ouvir meu
grito (o mundo! o mundo! o
mundo! . .)

Tudo era o instante original mas eu de nada sabia sinão do
meu horror e da volupia que vi-
nha crescendo em minhas pernas

E que brotava como um lírio impuro e ficava palpitando
dentro do ar.

Era o cáos da poesia — eu vivia ali como a pedra despenha-
da no espaço perfeito

Mas no olhar que eu tombava dentro de mim, ó eu sei que
havia um grande seio de alabastro
pingando sangue e leite

E que um lírio vermelho hauria desesperadamente como uma
boca infantil longe da dor.

Voavam sobre mim azas cansadas e crepes de luto flutuavam
— eu tinha embebido a noite de
cansaço

Eu sentia o branco seio murchar, murchar sem vida e o
rubro lírio crescer cheio de seiva

E o horror sair brandamente pelas janelas e a aragem ba-
lançar a imagem do Cristo pra lá
e pra cá

Eu sentia a volupta dormir ao canto dos galos e o luar
pousar agora sobre o papel branco
como o seio

E a aurora vir nascendo sob o meu corpo e ir me levando
para as idéas negras, azues, ver-
des, rubras, mas também miste-
riosas.

Eu me levantei — nos meus dedos os sentidos vivendo, na
minha mão um objéto como uma
lamina

E ás cégas eu feri o papel como o seio enquanto o meu
olhar hauria o seio como o lirio.

O poema desencantado nascia das sombras de Deus..

II

Provei as fontes de mel nas cavernas tropicais. (—minha
imaginação, enlouquece!)

Fui perseguido pelas floras carnívoras dos vales torturados
e penetrei os rios e cheguei aos
bordos do mar fantástico

Nada me impediu de sonhar a poesia — ó eu me converti
à necessidade do amor primeiro

E nas correspondências do finito em mim cheguei aos gran-
des sistemas poéticos do renovamento.

Só desejei a essência — vi campos de lírios se levantarem
da terra e cujas raízes eram ratos
brancos em fuga

**Vi-os que corriam para as montanhas e os persegui com a
minha ira — subi as escarpas
ardentes como se foram virgens
E quando do mais alto olhei o ceu recebi em pleno rosto o
vomito das estrelas menstruadas
— eternidade!**

**O poeta é como a criança que viu a estrela.
— Ah! balbucios, palavras entrecortadas e
rítmos de berço. De subito a dor.**

**Ai de mim! E' como o jovem que sonhando nas janelas
azues eis que a incompreensão
vem e ele entra e atravessa atôa
um grande corredor sombrio**

**E vai se debruçar na janela do fim que se abre para a nova
paisagem e ali estende o seu sofrimento (ele retornará. .)**

**Movimentos de areia no meu espirito como si fossem nascer
cidades esplendidas — paz! paz!**

**Musica longinqua penetrando a terra e de-
volvendo misteriosamente a doçura ao es-
pelho das laminas e ao brilho dos diaman-**

tes. Homens correndo na minha imaginação — porque correm os homens?

O terrível é pensar que ha loucos como eu em todas as estradas

Os faces-de-lua, seres tristes e vãos, legionarios do deserto (Não seria ridiculo ve-los carregando o sexo enorme ás costas como tragicas mochilas — ai! deixem-me rir...)

Deixem-me rir — por Deus! — que eu me perco em visões que nem sei mais. .)

E' Jesus passando pelas ruas de Jerusalem ao peso da cruz. Nos campos e nos montes a poesia das parabolae. Vociferações, odios, punhos cerrados contra o misterio. Destino.

O' não! não é a ilusão enganadora nem a palavra vã dos oraculos e dos sonhos

O poeta mentirá para que o sofrimento dos homens se perpetue.

E eu diria... "Sonhei as fontes de mel.

III

Do amor como do fruto. (Sonhos dolorosos das êrmas ma-
drugadas acordando...)

Nas savanas a visão dos cactus parados á sombra dos es-
cravos — as negras mãos no ven-
tre luminoso das jazidas.

Do amor como do fruto. (A alma dos sons nos algodoads
das velhas landes. .)

Extasis da terra ás manadas de bufalos passando — écos
vertiginosos das quebradas azues

ô Mighty Lord!

Os rios, os pinheiros e a luz no olhar dos
cães — as raposas
brancas no olhar
dos caçadores

**Lobos uivando, Yukon! Yukon! Yukon! (Casebres nascendo
das montanhas paralisadas...)**
**Do amor como da serenidade. Saudade dos vulcões nas lavas
de neve descendo os abismos**
**Cantos frios de passaros desconhecidos. (Arco-iris como
porticos de eternidade...)**
**Do amor como da serenidade. Nas planicies infinitas o es-
pirito nas azas do vento**

Ô Lord of Peace!

**Do amor como da morte. (Ilhas de gelo
ao sabor das correntes...)**
**Ursas surgindo da aurora boreal como almas gigantescas
do grande-silencio-branco**
Do amor como da morte. (Gotas de sangue sobre a neve...)
**A vida das fôcas continuamente se arrastando para o não-
sei-onde — cadaveres eternos de
herois longinquos**

Ô Lord of Death!

A LENDA DA MALDIÇÃO

A noite viu a criança que subia a escada cheia de risos e
de sombras
E pousou como um passaro ferido sobre as arvores que
choravam.
A criança era o principe-poeta que a musica ardente fizera
subir á ultima torre
E a noite era a camponeza que amava o principe e o ador-
meia no seu canto.
Quando a criança chegou ao ponto mais alto viu que a
musica era o riso embriagado
E que o riso embriagado era das estatutas mortas que tinham
no ventre aberto entranhas murchas.
A criança lembrou-se da noite cheia de entranhas e cujo
riso era a poesia eterna

E a angustia cresceu no seu coração como o mar alto nos penhascos.

O olhar cego das estatuas levou o herdeiro do reino ao fosso negro — ó príncipe, onde estás? — a voz dizia

E a água subia, nos braços, no peito, na boca, nos olhos do amado da noite.

**Depois saiu do fosso um homem que era o poeta-amaldiçoado
È que possuiu a noite chorando, adormecida.**

**A noite que nada viu continua chamando o príncipe-poeta
Enquanto o poeta-amaldiçoado chora nos braços das estatuas mortas.**

V

"Assez! voici la punition: — En Marche!"

RIMBAUD

OS MALDITOS

A APARIÇÃO DO POETA

Quantos somos, não sei . . . Somos um, talvez dois; tres, talvez, quatro; cinco, talvez nada
Talvez a multiplicação de cinco em cinco mil e cujos restos encheriam doze terras
Quantos, não sei . . . Só sei que somos muitos — o desespero da dizima infinita,
E que somos belos como deuses mas somos tragicos.

Vimos de longe . . . Quem sabe no sono de Deus tenhamos aparecido como espectros
Da boca ardente dos vulcões ou da orbita cega dos lagos desaparecidos

Quem sabe tenhamos germinado misteriosamente do solo
cauterizado das batalhas
Ou do ventre das baleias quem sabe tenhamos surgido?..

Viemos de longe — trazemos em nós o orgulho do anjo
rebelado
Do que creou e fez nascer o fogo da ilimitada e altissima
misericordia
Trazemos em nós o orgulho de sermos ulceras no eterno
corpo de Job
E não purpura e ouro no corpo efemero de Faraó.

Nascemos da fonte e viemos puros porque herdeiros do
sangue
E tambem disformes porque — ai dos escravos! — não ha
beleza nas origens
Voavamos — Deus déra a aza do bem e a aza do mal ás
nossas formas impalpaveis
Recolhendo a alma das coisas para o castigo e para a perfei-
ção na vida eterna.

Nascemos da fonte e dentro das éras vagamos como semen-
tes invisiveis o coração dos mun-
dos e dos homens

Deixando atraz de nós o espaço como a memoria latente da
nossa vida anterior
Porque o espaço é o tempo morto — e o espaço é a memoria
do poeta
Como o tempo vivo é a memoria do Destino sobre a terra.

Foi muito antes dos passaros — apenas rolavam na esfêra
os cantos de Deus
E apenas a sua sombra imensa cruzava o ar como um farol
alucinado...
Exitiamos já... No cáos de Deus giravamos como o pó
prisioneiro da vertigem.
Mas de onde vieramos nós e por que privilegio recebido?

E enquanto o eterno tirava da musiva vasia a harmonia
creadora
E da harmonia creadora a ordem dos seres e da ordem dos
seres o amor
E do amor a morte e da morte o tempo e do tempo o sofrí-
mento
E do sofrimento a contemplação e da contemplação a sere-
nidade imperecível

Nós percorriamos como extranhas larvas a forma patetica
dos astros

**Tudo assistindo e tudo ouvindo e tudo guardando eterna-
mente
Como, não sei. . . Eramos a primeira manifestação da di-
vidade
Eramos o primeiro ovo se fecundando á calida centelha.**

**Vivemos o inconsciente das idades nos braços palpitantes
dos ciclones
E as germinações da carne no dorso descarnado dos luares
Assistimos o misterio da revelação dos Tropicós e dos Signos
E a espantosa encantação dos eclipses e das esfinges.**

**Descemos longamente o espelho contemplativo das aguas
dos rios do Eden
E vimos, entre os animaes, o homem possuir doidamente a
femea sobre a relva tumida.
Seguimos. . . E quando o decurião feriu o peito de Deus
crucificado
Como borboletas de sangue brotamos da carne aberta e para
o amor celestial voamos.**

**Quantos somos, não sei. . . Somos um, talvez dois; tres, tal-
vez quatro; cinco, talvez nada**

Talvez a multiplicação de cinco em cinco mil e cujos restos
encheriam doze terras
Quantos, não sei... Somos a constelação perdida que cami-
nha largando estrelas
Somos a estrela perdida que caminha desfeita em luz.

O NASCIMENTO DO HOMEM

I

E uma vez, quando ajoelhados assistíamos a dança nua das
auroras
Surgiu do ceu parado como uma visão de alta serenidade
Uma branca mulher de cujo sexo a luz jorrava em ondas
E de cujos seios corria um doce leite ignorado.

O' como ela era bela! era impura — mas como ela era bela!
Era como um canto ou como uma flôr brotando ou como
um cisne
Tinha um sorriso de praia em madrugada e um olhar es-
vanecente
E uma cabeleira de luz como uma cachoeira em plenilunio.

Vinha dela uma fala de amor irresistível
Um chamado como uma canção noturna na distancia
Um calor de corpo dormindo e um abandono de onda des-
cendendo
Uma sedução de vela fugindo ou de garça voando.

E a ela fomos e a ela nos misturamos e a tivemos...
Em veus de neblina fugiram as auroras nos braços do vento.
Mas que nos importava si também ela nos carregava nos
seus braços
E si o seu leite sobre nós escorria e pelo ceu?...

Ela nos acolheu, extranhos parasitas, pelo seu corpo des-
nudado
E nós a amamos e a defendemos e nós no ventre a fecun-
damos
Dormiamos sobre os seus seios apoiados ao clarão das tor-
mentas
E desejavamos ser astros para inda melhor compreende-la.

Uma noite o horrível sonho desceu sobre as nossas almas
socegadas
A amada ia ficando gelada e silenciosa — luzes morriam
nos seus olhos...

Do seu peito corria o leite frio e ao nosso amor desacordada
Subiu mais alto e mais além morta dentro do espaço.

Muito tempo choramos e as nossas lágrimas inundaram a
terra

Mas morre toda a dor ante a visão dolorosa da beleza.
Ao vulto da manhã sonhamos a paz e a desejamos
Sonhamos a grande viagem através a serenidade das cra-
teras.

Mas quando as nossas azas vibraram no ar dormente
Sentimos a prisão da nebulosa de leite envolvendo as nossas
especies

A Via-Lactea — o rio da paixão correndo sobre a pureza
das estrelas

A linfa dos peitos da amada que um dia morreu.

Maldito o que bebeu o leite dos seios da virgem que não era
mãe mas era amante

Maldito o que se banhou na luz que não era pura mas
ardente

Maldito o que se demorou na contemplação do sexo que não
era calmo mas amargo

O que beijou os lábios que eram como a ferida dando sangue!

**E nós ficamos lá, batendo as azas libertas, escravos do mis-
terioso plasma
Metade anjo, metade demonio, cheios da euforia do vento e
da doçura do carcere remoto
Debruçados sobre a terra, mostrando a maravilhosa essencia
da nossa vida
Lirios, já agora turvos lirios das campas, nascidos da face
livida da morte.**

II

**Mas vai que havia por esse tempo nas tribus da terra
Extranhas mulheres de olhos parados e de longas vestes
nazarenas
Que tinham o placido amor nos gestos tristes e serenos
E o divino desejo nos frios labios anhelantes.**

**E quando as noites estelares fremiam nos campos sem lua
E a Via-Lactea como uma visão de lagrimas surgia
Elas beijavam de leve a face do homem dormindo no feno
E saiam dos casebres ocultos pelas estradas murmurantes.**

E no momento em que a planície escura beijava os dois
longínquos horizontes
E o ceu se derramava iluminadamente sobre a varzea
Iam as mulheres e se deitavam no chão paralizadas
As brancas tunicas abertas e o branco ventre desnudado.

E pela noite a dentro elas ficavam, descobertas
O amante olhar boiando sobre a grande plantação de es-
trelas
No desejo sem fim dos pequenos seres de luz alcandorados
Que palpitavam na distancia numa promessa de beleza.

E tão maternamente os desejavam e tão na alma os pos-
suíam
Que ás vezes desgravitados uns despenhavam-se no espaço
E vertiginosamente caíam numa chuva de fogo e de fulgores
Pelo misterioso tropismo subitamente carregados.

Neste instante, ao deliquio de amor das destinadas
Num milagre de unção, delas se projetava á altura
Como um cogumelo gigantesco um grande utero fremente
Que ao ceu colhia a estrela e ao ventre retornava.

E assim pelo ciclo negro da palida esféra atravez o tempo
Ao clarão imortal dos passaros de fogo cruzando o ceu
noturno
As mulheres, aos gritos agudos da carne rompida de dentro
Iam se fecundando ao amor purissimo do espaço.

E ás cores da manhã elas voltavam vagarosas
Pelas estradas frescas, atravez os vastos bosques de pi-
nheiros
E ao chegar, no feno onde o homem sereno inda dormia
Em preces rituais e cantos misticos velavam.

Um dia mordiam-lhe o ventre, nas entranhas — entre raios
de sol vinha a tormenta...
Sofriam... E ao estridor dos elementos confundidos
Deltavam á terra o fruto maldito de cuja face transtornada
As primeiras e mais tristes lagrimas desciam.

Tinha nascido o poeta. Sua face é bela, seu coração é tragico
Seu destino é atroz; ao triste materno beijo mudo e ausente
Ele parte! Busca ainda as viagens eternas da origem
Sonha ainda a musica um dia ouvida em sua essencia.

A CREAÇÃO DA POESIA

IDEAL

(fragmento)

*O poeta parte no eterno renova-
mento. Mas seu destino é fu-
gir sempre ao homem que ele
traz em si.*

O poeta:

**Eu sonho a poesia dos gestos fisionomicos
de um anjo!**

.....

INDICE

I

O OLHAR PARA TRAZ	9
SURSUM	17
ILHA DO GOVERNADOR	23
O PRISIONEIRO	29
O BOM LADRÃO	33
AUSENCIA	39

II

O INCREADO	45
A VOLTA DA MULHER MORENA	55
A QUEDA	59
O CADA FALSO	63
A MULHER NA NOITE	67
AGONIA	71

III

A LEGIÃO DOS URIAS	77
A ÚLTIMA PARABOLA	85
ALBA	91
UMA MULHER NO MEIO DO MAR	95
O ESCRAVO	99
O OUTRO	105
A MUSICA DAS ALMAS	111

IV

O BERGANTIM DA AURORA	117
A IMPOSSIVEL PARTIDA	125
TRES RESPOSTAS EM FACE DE DEUS	129
VARIAÇÕES SOBRE O TEMA DA ESSENCIA	133
A LENDA DA MALDIÇÃO	145

V

OS MALDITOS 1. A APARIÇÃO DO POETA	151
O NASCIMENTO DO HOMEM	159
A CREAÇÃO DA POESIA	169

